

ESTUDANTES QUE LEEM O MUNDO: O COMPROMISSO DE UM/UMA PROFESSOR/PROFESSORA TRANSFORMADOR/TRANSFORMADORA

Eduarda Vieira de Souza¹
Edson Carpes Camargo²

RESUMO

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa objetivando analisar como os professores compreendem suas contribuições na leitura de mundo dos alunos. Tomamos como conceito central a concepção de leitura de mundo proposta por Freire (1989, 1996, 1997, 2000, 2011, 2019, 2021) considerando-a como forma de intervenção no mundo. A pesquisa foi realizada com professoras da educação básica por meio de cartas pedagógicas. Participaram do estudo, quatro professoras que atuam nos anos iniciais de uma escola municipal de ensino fundamental, localizada no município de Bento Gonçalves. Escrevi às professoras de maneira esperançosa, no formato de carta pedagógica e solicitei que o seu retorno também fosse no modelo de carta pedagógica, contemplando itens como: o papel do professor e como os professores contribuem na leitura de mundo dos alunos. A partir de sua devolutiva, foi possível analisar que os professores ainda não compreendem na totalidade qual é a sua importância na formação da leitura de mundo dos alunos, mas que reconhecem seu papel quando refere-se a uma educação dialógica e de compromisso com o outro, dissociando de práticas relacionadas a educação bancária, onde trata-se de uma mera transmissão de conhecimentos.

Palavras-chaves: Cartas pedagógicas. Reflexão. Autonomia. Diálogo. Emancipação.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2021 marcou o centenário de Paulo Freire. O maior educador brasileiro possibilitou que discutíssemos a leitura de mundo antes da leitura da palavra e enfatizou a importância de uma prática educativa reflexiva, crítica e emancipatória. Seus escritos são, sempre, importantes para a formação de professores/professoras

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia. IFRS - campus Bento Gonçalves. E-mail: eduardadesouza.ifrs@gmail.com

² Doutor em Educação. Docente Orientador. Docente do curso de Pedagogia. IFRS - campus Bento Gonçalves. E-mail: edson.camargo@bento.ifrs.edu.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

1

³ comprometidos/as com a transformação. Decorre disso a nossa preocupação neste estudo com os compromissos de um/uma professor/professora transformador/a.

O tema deste estudo surge das minhas inquietações pessoais referentes a leitura de mundo e as contribuições do/a professor/professora neste processo. As reflexões que constituem este estudo são baseadas nos escritos Freireanos em diálogo com a escrita de cartas pedagógicas que relatam as práticas e experiências de educadoras dos anos iniciais.

Escolhemos as cartas pedagógicas para conduzir nossa pesquisa com o objetivo de compreender como os professores e as professoras de anos iniciais contribuem para a formação da leitura de mundo, na acepção freireana, de nossos/as educandos/as. As cartas pedagógicas foram escolhidas por serem carregadas de afeto e humanidade e também pela possibilidade de diálogo e proximidade entre o leitor e a carta, sendo assim um objeto de escuta e reflexão a partir das narrativas nelas descritas. Além disso, as cartas pedagógicas marcaram minha trajetória durante a graduação, desde o meu primeiro contato no I Encontro de Reflexões Freireanas, onde pude realizar potentes reflexões a partir do papel do professor.

Considerando o quanto se faz necessário a leitura de mundo enquanto indivíduos críticos e reflexivos, me dediquei a refletir sobre esta temática partindo de questionamentos que me acompanhavam desde a época da educação básica. Quem somos? e porque somos? Quem participou/participa do meu processo de ser quem sou? De olhar como eu vejo? Como fui me constituindo na professora que sou hoje?

Sabendo da importância de colocar-se no mundo e com o mundo, tendo uma participação efetiva neste, reflito um pouco sobre o papel do/a professor/professora neste processo desde os anos iniciais. Será que nós, enquanto professores/professoras temos consciência de nossas responsabilidades? Em que

³ Embora nosso interesse não seja os estudos de gênero, optamos pela flexão “o/a” como um gesto ético/político/pedagógico.



medida o medo pode interferir nessas responsabilidades? Como compreendemos nosso papel na formação do indivíduo?

Acreditando que precisamos ter consciência de nosso fazer docente e assumir a responsabilidade desta profissão que é educar pessoas para a vida, proponho a reflexão a partir do questionamento: Como os professores e professoras dos anos iniciais contribuem para a leitura de mundo dos/das seus/suas educandos/as?

Tendo como objetivo analisar como os/as professores/professoras compreendem suas contribuições na formação da leitura de mundo dos indivíduos, o que me motiva com bravosidade a me inteirar desta temática tão importante é querer um dia, ter a oportunidade de mudar e transformar realidades. Talvez resida aí o encanto em pesquisar sobre esse tema.

Nesse percurso, apresento na primeira seção o conceito de professor/professora e na segunda seção os conceitos de leitura de mundo e emancipação, tomando como referência os escritos de Freire (1989, 1996, 1997, 2000, 2011, 2019, 2021). Na terceira seção, apresento o percurso metodológico que constitui este estudo. Por fim, na quarta seção, faço a apresentação da reflexão a partir das cartas pedagógicas escritas pelas professoras participantes do estudo.

1 FREIRE E O CONCEITO DE PROFESSOR

Paulo Freire foi/é um importante educador e nos deixou em seus escritos, um importante legado. Em suas falas a respeito do professor, ele nos traz profundas reflexões sobre a rigorosidade metódica, o respeito à identidade cultural, os saberes dos educandos, a amorosidade e a dialogicidade como meios para a libertação.

Ao escrever Professora sim, tia não, Freire (2021) menciona que o princípio do fazer docente é a conscientização da responsabilidade do ser professor/professora e assumi-la com criticidade, querendo bem o seu processo educativo, os/as seus/suas alunos/as e reconhecendo-se como um/uma eterno/a



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

3

aprendiz. Assumir a responsabilidade da profissão é reconhecer-se também como ser de autoridade, mas que difere-se do autoritarismo. Freire (2021) retoma o conceito de autoridade como uma posição ética e responsável de compromisso de ajudar o outro. É reconhecer que a tarefa de ensinar é exigente e que exige preparos científicos, emocionais, físicos e afetivos. O autoritarismo, pelo contrário é baseado em uma educação bancária, opressora e de desrespeito com o outro privando-o da sua autonomia e liberdade.

O/a professor/professora, que está longe da visão utópica de educador/a, reconhece que a educação também é política e luta por ela. Freire (2021, p. 42) nos traz a importante reflexão

Se minha utopia, meu sonho, pelo qual eu luto ao lado de tantos outros, são o contrário antagônico do sonho do candidato reacionário, não posso nele ou nela votar. Minha gratidão não pode me levar a trabalhar contra meu sonho que não é só meu.

Conforme a reflexão, faz-se necessário tomar consciência de que a luta não é individual, mas coletiva, e quando tomamos nossas decisões, sejam políticas ou sociais, precisamos pensar nas coisas que acreditamos e lutamos todos os dias, sem cair na contradição de nossos sonhos.

Ensinar também exige a consciência da individualidade de cada sujeito, e em qualquer lugar que olharmos ao nosso redor veremos muitas pessoas de diferentes identidades, culturas e realidades. Considerando isso, é importante lembrar que ao adentrar a uma sala de aula estas diferenças vêm à tona e o/a professor/professora precisa respeitá-las e estar preparado/a para ensinar e aprender com elas. Quando o/a professor/professora faz da sala de aula um espaço de diálogo, os/as alunos/alunas sentem-se seguros/as em assumir suas individualidades, enriquecendo ainda mais os aprendizados. Sabendo que o ensino não se dá somente com base em conteúdos, Freire (2021, p.86) nos diz que

o diálogo não apenas em torno dos conteúdos a serem ensinados mas sobre a vida mesma, se verdadeiro, não somente é válido do ponto de vista do ato de ensinar, mas formador também de um clima aberto e livre no ambiente de sua classe.



É por isso que as aulas não podem ser uma mera transferência de conteúdos. Para educar é necessário aproximar-se dos/das alunos/as e compreender o que se passa na vida deles/delas. É também necessário compreender-se como aprendiz, e poder transformar a própria realidade junto com seus/suas alunos/alunas.

Dentro do espaço do diálogo e conhecendo seus/suas alunos/as, o/a professor/professora libertador/a poderá criar as condições para que o/a aluno/a se dê conta de que precisa ser liberto/a e possa ir desenvolvendo a sua criticidade com base em sua realidade e leitura de mundo. Freire (2021) nos diz que é necessário tomar distância de nossa realidade para que possamos de fato visualizá-la, tornando assim possível de reflexões e críticas.

O/a professor/professora, além de tudo deve ter humildade e tolerância para conviver com o diferente e para aprender com ele. Segundo Freire (2021, p.123) “é preciso juntar a humildade com que a professora atua e se relaciona com seus alunos, uma outra qualidade, a amorosidade, sem a qual seu trabalho perde o significado”. E esta amorosidade não se refere apenas aos/às seus/suas alunos/as, mas também ao processo de ensinar. Entretanto, há de se ressaltar aqui que não estamos tratando da amorosidade romântica. Tratamos de uma amorosidade comprometida com a educação e o compromisso com o/a outro/a.

Para Freire, ser professor/professora é assumir um compromisso consigo, com a profissão e com o/a outro/a. É despertar nos/nas alunos/as o desejo da libertação por meio da crítica à realidade e sua leitura de mundo. É crer que a mudança é possível. É lutar dia a dia por um mundo melhor e de todos. É crer na educação como forma de intervir no mundo. Ser professor/professora é ser esperança de um amanhã mais justo.

Decorre disto, a concepção de ser o/a professor/professora um/uma mediador/a da transformação do mundo acreditando que esta mediação ocorra através do diálogo, da problematização da história, do presente e os desafios do



futuro, sempre com amorosidade. Esta prática parte do respeito com os saberes dos/das educandos/as, criando possibilidades e instigando a reflexão de sua prática.

2 FREIRE, EMANCIPAÇÃO E LEITURA DE MUNDO

Para iniciar este capítulo, apresentarei o conceito de educação bancária, presente na crítica freireana. Para Freire, a educação bancária tem o intuito de alienar os/as alunos/as, ignorando suas capacidades reflexivas e criativas, tornando-os/as passíveis de opressão e impotentes frente a transformação de suas realidades.

Freire ao referir-se a essa concepção, menciona que a educação é um depósito de conteúdos nos/as alunos/as, os/as quais, não terão a oportunidade do diálogo para a assimilação e sistematização de saberes ou de refletir para construir uma consciência crítica. Nesta concepção, “quanto mais vá enchendo os recipientes com seus “depósitos” tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.” (FREIRE, 2016, p.80).

Conforme o autor, na educação bancária os/as professores/professoras não expandem suas aulas e não estão disponíveis a aprender com seus/suas alunos/alunas. Dessa forma, os/as professores/professoras são os/as que sabem e os/as alunos/as sempre os/as que não sabem. Assim, não há criatividade, transformação ou diálogo. Em Freire (2016, p.108)

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

6

Mas será esta educação bancária que queremos na nossa escola? Para nossos/nossas estudantes? Para nós? Quando as escolas reconhecerão a importância de transformar os seus métodos de ensino? Afinal, eles não cabem mais no mundo atual e talvez nunca couberam.

Em contrapartida, Freire (1968) nos ensina práticas para uma educação conscientizadora, transformadora e problematizadora, onde educando/a e educador/a aprendem e libertam-se juntos. São práticas humanizadoras fundamentadas na reflexão, criatividade e ação humana a partir de suas realidades, a fim de modificá-las.

Considerando as suas palavras, o autor apresenta a importância da conscientização, pois é a partir dela que poderemos modificar o mundo. Se como aluno/a não dialogo, não troco experiências, não reflito sobre minha realidade, tampouco me importa a transformação. Para a conscientização, o/a professor/professora precisa reconhecer-se como um ser inacabado, um ser que aprende com o/a aluno/a e os/as alunos/as que aprendem com o/a professor/professora. Assim, é possível o diálogo e a transformação dos sujeitos.

A conscientização parte do princípio da tomada de consciência de que a realidade pode ser modificada. Parte do diálogo e das possibilidades criadas para esta que não pode ser adquirida como um objeto. Assim é possível provocar uma atitude crítica e reflexiva que comprometa a ação. O/a professor/professora e o/a aluno/a, ao serem provocados/as juntamente a refletir sobre suas realidades, poderão agir com criticidade sobre elas. Mas, não basta conscientizar, é necessário uma ação transformadora.

Em sua obra “Conscientização: teoria e prática da libertação”, Freire (2016, p. 60) menciona que a conscientização “é isto: apossar-se da realidade; por essa razão e por causa do enraizamento utópico que a informa é um rompimento da realidade. A conscientização produz a desmistificação.”

O/a professor/professora que atua para a transformação reconhece que a educação é um meio de intervenção no mundo. As suas aulas são espaço de



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

7

diálogo, acolhimento, amorosidade e principalmente de escuta sensível, mas não menos rigorosas. Esse talvez seja o caminho para a transformar a leitura de mundo de seus/suas alunos/as. Esta transformação ocorre no dia a dia, o/a professor/professora cria as possibilidades de reflexão e os/as alunos/as, no seu tempo, são convidados/as a pensar e refletir sobre sua leitura de mundo. A partir daí é possível dialogar em busca da transformação e emancipação do/a aluno/a.

Este percurso conceitual tendo Freire por referência nos coloca a refletir sobre a leitura de mundo, que se faz antes da palavra dita, visto que ao pronunciar a palavra, é necessário que antes se faça o exercício de pensar e compreender este pensamento. É esta a leitura que traz sentidos, significados e singularidades. É a maneira de ver o mundo através dos próprios olhos. É por meio dela que é possível pronunciar a humanização e a libertação.

Freire (1989) também aponta para o papel pedagógico no processo de leitura de mundo e destaca que é fundamental que o/a professor/professora promova momentos de trocas de saberes e ressalte que não há uma única leitura de mundo possível e que podemos estar continuamente recriando esta leitura com base nas nossas vivências.

Neste processo, é fundamental que o/a professor/professora incentive e crie possibilidades para que os/as alunos/as possam tomar distância e problematizar a sua realidade, a fim de possibilitar que ele/ela se transforme em um sujeito crítico de sua própria realidade, pois só assim poderá transformá-la.

A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão se percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham (FREIRE, 2016, p. 100).

Freire (2019) nos diz ainda, que educadores/as transformadores/as constroem suas práticas pensando na autonomia do/a aluno/a, estimulando a sua criticidade a fim de ir em busca de sua emancipação. É importante compreender que a emancipação por si só, não ocorre somente com o processo educativo. Na



educação é possível que o/a educador/a, convide e crie possibilidades para que os/as alunos/as possam tomar distância de si mesmos/as e refletir com criticidade sobre a sua leitura de mundo. Neste caminho é possível iniciar um processo emancipatório.

Freire (2016) destaca que não existe emancipação sem considerar questões políticas e sociais. Considera-se que o processo emancipatório inicia na criticidade a partir da leitura de mundo e discorre sobre os aprendizados, reflexões políticas e acerca da realidade. Este, é um processo de libertação político, social e cultural e deve ocorrer entre todos os oprimidos e opressores, visando a transformação da sociedade.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa objetivando analisar e compreender a complexidade e os detalhes das informações coletadas. O método de pesquisa utilizado será o de pesquisa exploratória, tendo em vista que por meio deste, segundo Gil (2002) é de maior flexibilidade e pode envolver pessoas que já experienciaram situações conforme o estudo sendo realizado. Assim, é possível aproximar-se mais do problema e formular hipóteses.

Quanto ao procedimento de pesquisa utilizamos a pesquisa formação, buscando entender e relacionar as experiências de professoras dos anos iniciais com os escritos Freireanos, podendo assim ressignificá-las. Cunha (1997) salienta que as narrativas têm o objetivo de fazer com que o/a educador/a possa distanciar-se de sua prática, proporcionando a ele/ela a possibilidade de reflexão. Considerando a importância das narrativas, a análise ocorreu em diálogo e interação com cartas pedagógicas escritas por educadoras dos anos iniciais. Para tanto, partimos da ideia de que as cartas pedagógicas são uma maneira afetuosa de dialogar e escrever para pessoas que nos afetam e contribuem para a nossa constituição.



Cabe ressaltar que desde fevereiro de 2020 a pandemia de COVID-19 provocou inúmeras alterações no espaço educativo, que em sua consequência foi realizado de maneira remota para a proteção e cuidado de todos. Nesse sentido, este estudo, que iniciou o seu percurso metodológico em 2021, procurou manter o distanciamento social mas não menos afetuoso entre a pesquisadora e as pesquisadas. A pesquisa se dá por meio de cartas pedagógicas que dialogam afetuosamente, como Freire costumava comunicar-se em seus escritos, tendo como lócus uma escola da rede pública municipal de Bento Gonçalves. As educadoras que atuam nos anos iniciais foram convidadas a produzir cartas pedagógicas relatando suas experiências e reflexões a partir da educação. Ao escrever uma carta pedagógica, é possível praticar a escrita-reflexão, transformando e dando novos sentidos a ideias e pensamentos.

Através das cartas, segundo Freire (2000), é possível o diálogo entre o leitor com as palavras do autor e ainda, a reflexão a partir do processo de leitura e escrita. Com isso, as professoras receberam uma carta pedagógica escrita pela pesquisadora convidando-as para a proposta da escrita reflexiva a partir de suas vivências. As cartas produzidas foram recolhidas diretamente na escola.

Na etapa de análise de conteúdo, utilizamos Bardin (1977) que a caracteriza em três momentos: Pré Análise, Exploração de Material, e o Tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. A partir desta análise, buscamos refletir e analisar com rigorosidade, compreendendo sobre as práticas educativas das educadoras e se estas se relacionam com os conceitos Freireanos de leitura de mundo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A produção de dados iniciou em novembro de 2021, a partir do contato com a escola, onde fui recebida pela diretora e pela vice-diretora para uma conversa inicial



e a explicação da proposta. Optei por escrever e entregar quatro cartas pedagógicas a professoras que foram escolhidas pela direção da escola. Cada carta continha um texto mencionando sobre a busca por respostas acerca de uma educação mais humana e esperançosa, propondo às professoras a reflexão sobre a própria prática, sua percepção sobre o papel do/a professor/professora e sua contribuição na leitura de mundo dos/das alunos/as.

As cartas que as professoras escreveram foram recolhidas no mês de novembro de 2021. As professoras participantes serão identificadas como professora A, professora B, professora C e professora D, com as categorias de análise “ O percurso formativo das professoras participantes”, “O/A professor/professora e seu papel” e “A leitura de mundo nas cartas pedagógicas”.

As professoras não mencionaram seu tempo na docência, mas trouxeram suas formações, sendo que algumas iniciaram pelo Curso Normal e depois partiram para a Licenciatura em Pedagogia, e outras realizaram Licenciatura em Letras Inglês e Português.

4.1 O percurso formativo das professoras participantes

Através das cartas pedagógicas, as professoras foram convidadas a refletir sobre sua trajetória e percurso formativo. Ao refletir sobre a própria trajetória, dá-se sentido ao que se é hoje, percebendo os acontecimentos e as escolhas que se deram desde a infância até a atualidade e que influenciaram neste processo de formação.

Acredito que a docência sempre esteve comigo, pois recordo-me de uma grande professora que tive na primeira série e outra de língua portuguesa, que foram minhas inspirações (PROFESSORA A, 2021).

A professora A nos traz a reflexão a partir do seu contato com outras professoras que se tornaram significativas em sua trajetória, estas que inspiraram a



sua profissão. A partir deste relato, cabe ressaltar também que muitos/as professores/as tornam-se inspiração para seus/suas alunos/as, mas poucos percebem sua importância neste processo. A professora B também faz menção aos seus professores quando ressaltava que se tornou docente "por influência de minha mãe, também professora. E por ter tido como referência ótimos professores".

Na trajetória escolar, ocorrem muitas trocas entre professor/professora e aluno/a, estas que marcam não só a vida escolar, mas a vida pessoal também, visto que estas não podem ser consideradas separadas. A professora C também relata que "desde criança sonhava em me tornar educadora, seguindo os passos do meu maior exemplo, minha mãe."

A professora D nos permite refletir com criticidade sobre sua colocação mencionando que se tornou professora "por gostar muito de crianças desde minha infância e de ver crianças aprendendo". Em Freire (2021), ser professor/professora transcende o fato de gostar de crianças. É o desejo vivo de lutar pela educação para todos/as em busca de um mundo melhor e menos desigual. É substituir práticas de "professor transmissor" por um "professor libertador".

Para Freire (2021), ser professor/professora está ligado a uma profissão, esta que exige formação e capacitação antes de seu exercício e consciência de seu papel na sociedade. Ainda, cabe ao/à professor/professora ser um sujeito crítico com o mundo e com a própria prática considerando-se um ser inacabado, possível de aprender enquanto ensina. Decorre disso que para ser professor/professora, não basta gostar de crianças, mas faz-se necessário ter consciência de sua importância na formação do indivíduo e estar comprometido/a com práticas libertadoras, transformadoras e emancipatórias.

4.2 A leitura de mundo nas cartas pedagógicas

Freire (2021) nos traz que o ser professor/professora não se limita à sala de



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

12

aula, com o ensinar e aprender de ambos os sujeitos, mas que se desenvolvem na amplitude de se tornarem sujeitos de transformação no mundo. Em seu livro Professora sim, tia não, Freire aponta que,

podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 2021, p. 21).

A partir da reflexão freireana, que nos traz fortemente a importância do papel do/a professor/professora no mundo e para com o mundo, percebe-se que o ser professor/professora está atrelado a uma educação libertadora.

Diante disso, a professora D (2021) nos traz que “o professor tem grande responsabilidade de auxiliar cada um de seus alunos em garantir a aprendizagem, é a nossa tarefa ensiná-los a buscar pontos de vista diferentes e superação de seus obstáculos”. Freire (2016) defende a educação como uma práxis de ação e reflexão sobre o mundo para que seja possível transformá-lo, corroborando com a reflexão da professora, com o objetivo de formar estudantes reflexivos e não apenas carregados de conteúdos que cabem somente dentro da sala de aula, como em uma educação bancária.

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1993 , p.73).

A professora A (2021) considera que o papel do/a professor/professora precisa acontecer através da amorosidade e dialogicidade, como menciona referindo-se às suas experiências como aluna, escrevendo na carta que “sempre me via fazendo do modo como elas ministravam suas aulas, com carinho e afeto, mas com disciplina e



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

13

compromisso com a vida”. A professora considera a docência uma profissão desafiadora, porém importante e que forma pessoas para a vida.

A proposta da educação freireana tem como principais características a dialogicidade e a afetividade, pois considera que somos seres inacabados, onde o/a professor/professora também aprende com o/a aluno/a e é passível de mudanças e transformações. Ainda ressalta-se a importância de respeitar a autonomia do/a educando/a, seus pontos de vista e sua leitura de mundo.

Em suas respostas, a professora C (2021) traz um olhar humanizado para a educação, relatando “que toda aprendizagem passa primeiro pelo coração”. Sua importante e desafiadora colocação nos faz pensar sobre como estamos sendo professores/professoras, nos questionando sobre como exercemos o nosso papel no que se refere a uma prática humanizada possibilitando que os/as alunos/as sejam presença no processo educativo.

A professora B (2021) instiga a problematização a respeito do papel das famílias, que estão cada dia mais disfuncionais e ocupadas com o mundo emergente, tendo menos tempo para os/as filhos/filhas, delegando a responsabilidade para a escola. A professora menciona que “o papel do professor é fundamental na educação, uma vez que nem sempre a família cumpre seu papel. Cada vez mais não ensinamos só matérias, mas somos exemplo de conduta”. Aqui, cabe a reflexão de que muitas vezes os/as alunos/as chegam na escola e querem apenas ser ouvidos/as. Aquele/a que tem um comportamento desagradável, por vezes, busca por atenção. Aquele/a aluno/a que conversa a aula toda, por vezes só busca por um espaço de escuta. As ausências de casa refletem na escola.

Ainda analisando as cartas pedagógicas recebidas, a Professora A (2021) mencionou que “nós, professores, temos um papel fundamental na sociedade, pois formamos cidadãos para o mundo e pessoas para a vida.”. Percebemos que ela fez



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

14

relação sobre o papel do/a professor/professora como sujeito fundamental no processo de leitura de mundo dos/das alunos/as e ainda complementa citando a “conscientização dos sujeitos” como aspecto essencial neste processo.

Conceituando as palavras de Freire (1989) em leitura de mundo, quando refere-se que a leitura de mundo precede antes mesmo a leitura da palavra, considera-se que a mesma acontece com base na interpretação de cada indivíduo a partir de uma determinada realidade. A leitura da palavra ocorre após dar-se sentido aos diferentes contextos em que as pessoas estão inseridas.

Ao refletir que não é possível ler o mundo sem o contato com o outro, Freire (1989) aponta que se faz necessário pensar no papel do/a professor/professora com relação à construção da leitura de mundo dos/das alunos/alunas. Ainda que não exista uma única possível leitura de mundo e possamos recriá-la a partir de nossas vivências, cabe aos/às professores/professoras refletirem sobre como estão contribuindo com a leitura de mundo de seus/suas alunos/alunas.

Como professores/professoras, temos condições de escolher se entregaremos saberes prontos, distantes da realidade e fora de contexto, baseados em nossas crenças, como os métodos utilizados na educação bancária, ou se instigamos a reflexão e o pensamento crítico acerca de suas realidades e os conscientizamos dos aspectos que cercam estas realidades.

No relato da professora B (2021), aparece a importância de criar cidadãos éticos para o mundo ao exercer seu papel. Suas palavras vão ao encontro dos pensamentos freireanos no que se referem ao compromisso com o mundo através da ética e do respeito à autonomia do aluno.

Nesta categoria, percebemos que as professoras participantes da pesquisa, em sua maioria, demonstraram dificuldades ao pensar o conceito de leitura de mundo a partir do conceito de Freire, tendo em vista que possam desconhecê-lo ou



que o mesmo não faça parte da própria leitura de mundo das professoras. Considerando também que não há uma única e correta forma de ver o mundo, as professoras trouxeram também contribuições sobre o olhar para com o/a aluno/a e a relação dialógica entre professor/professora e aluno/a.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de professor/professora proposto por Freire (2021) se distancia de práticas como o autoritarismo e a transmissão de saberes. Sua aproximação se faz com práticas libertadoras, com abertura ao diálogo e o compromisso com o outro. Ainda, o/a professor/professora precisa ter consciência de seu papel e a importância de lutar pela educação convicto/a de que a mudança é possível.

Freire (2021), quando refere-se ao conceito de leitura de mundo, o dissocia das práticas da educação bancária, onde o/a professor/professora apenas “deposita” os conteúdos nos alunos e é indisponível ao diálogo. Para o autor, a leitura de mundo é construída de acordo com o contexto do/a aluno/a e as possibilidades de exploração que são instigadas a ele/ela. O/A professor/professora precisa ter respeito com a leitura de mundo de seus/suas alunos/as, tendo em vista que não há uma única e correta forma de ler o mundo.

Pode-se perceber com a análise das cartas pedagógicas recebidas, que os/as professores/professoras podem se tornar inspiração para seus/suas alunos/as, influenciando também na escolha da profissão futura e que o ser professor/professora está para além do gostar de crianças. É um compromisso rigoroso com práticas libertadoras que exigem criticidade e ética.

As professoras pesquisadas relataram que compreendem o papel do/da professor/professora com práticas fundamentais como o diálogo, a amorosidade, o compromisso com o/a outro/a, respeito aos/às alunos/as e práticas libertadoras exibindo diferentes perspectivas, formando pessoas para e com o mundo. Ainda,



corroborando com Freire (2019), ensinar exige que os/as professores/professoras tenham respeito à autonomia dos/das alunos/as e competência profissional, refletindo criticamente sobre sua prática.

Percebeu-se na análise das cartas que as professoras pesquisadas demonstraram dificuldades na compreensão de leitura de mundo, associando-a por vezes exclusivamente à leitura da palavra ou a outros assuntos fora do contexto da pesquisa. Cabe a reflexão de que talvez professores e professoras ainda não tenham consciência de sua importância na construção da leitura de mundo dos/das seus/suas alunos/as, o que pode estar deixando lacunas no desenvolvimento crítico deles/delas, desprezando relações com a realidade ou despreocupadas com a conscientização e transformação dos indivíduos.

Nossa pretensão não era esgotar o assunto, mas provocar outros olhares sobre a leitura de mundo e a docência nos anos iniciais. Esperamos que este estudo possa contribuir com professores/as e futuros professores/as a novas pesquisas em busca de uma educação mais humana, voltada à libertação e transformação.

REFERÊNCIAS

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 62ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 60ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: Cartas a quem ousa ensinar. 31ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**: O cotidiano do professor. 14ª edição. São Paulo: Paz e terra, 2021.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, p. 1-10. 1997.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

17

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário de Paulo Freire**. 4ª edição. São Paulo: Autêntica, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.